



ConScientiae Saúde

ISSN: 1677-1028

conscientiaesaude@uninove.br

Universidade Nove de Julho

Brasil

de Lima, Kelly Cristina; Ximenes Pinho, Miriam
Suicídio e ato falho: considerações psicanalíticas acerca de suicídios acidentais
ConScientiae Saúde, vol. 9, núm. 1, 2010, pp. 139-145
Universidade Nove de Julho
São Paulo, Brasil

Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=92915037019>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica

Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

Suicídio e ato falho: considerações psicanalíticas acerca de suicídios acidentais*

*Suicide and parapraxis:
psychoanalytic considerations on accidental suicides*

Kelly Cristina de Lima¹; Miriam Ximenes Pinho²

¹Psicóloga clínica, pós-graduanda do curso de especialização lato sensu em psicologia clínica – Teoria Psicanalítica - PUC-SP. São Paulo, SP [Brasil]

²Psicóloga, Mestre em Ciências - Unifesp, especialista em psicologia clínica – Teoria Psicanalítica - PUCSP, professora e supervisora de estágio do curso de psicologia - Uninove, participante das formações clínicas do Fórum do Campo Lacaniano São Paulo. São Paulo, SP [Brasil]

Endereço para correspondência

Kelly Cristina de Lima
Rua Nhatumani, 631 – Vila Ré (Penha)
03663-000 – São Paulo, SP [Brasil]
kc_lima78@yahoo.com.br
kellylima.psicologa@gmail.com

Resumo

Objetivos: Busca-se, por meio desse trabalho, estudar o suicídio e sua relação com atos acidentais, tendo como base um referencial psicanalítico e, como fonte principal de discussão, o ensaio Sobre a psicopatologia da vida cotidiana, escrito por Freud em 1901. **Método:** Para tanto foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca do ato suicida associado a casos de acidentes ou imprevistos. **Resultados:** Esse estudo abordou, principalmente, os atos falhos nas ações como fenômenos relacionados à idéia de autopunição, autocensura e/ou autoinfligimentos ocasionados por sentimentos impulsivos inconscientes de repreensão. **Conclusões:** A partir da discussão de alguns casos apresentados pelo próprio Freud, levantou-se a hipótese de que algumas formas de suicídio podem acontecer de forma involuntária (inconsciente), como resultado de um ato falho.

Descritores: Acidente; Ato falho; Suicídio; Psicanálise.

Abstract

Objectives: The aim is to, through this work was to study suicide and its relation to incidental acts, based on a psychoanalytical approach, as the chief source of discussion, the essay On the psychopathology of everyday life, written by Freud in 1901. **Method:** It begins with a literature about the act of suicide associated with cases of accidents or unforeseen events. **Results:** This study addressed mainly the slips in the actions as phenomena related to the idea of self-punishment, self-censorship and / or impulsive autoinfligimentos caused by unconscious feelings of reprimand. **Conclusions:** From the discussion of some cases reported by Freud himself, raised the hypothesis that some forms of suicide can happen unintentionally (unconscious) as a result of a slip.

Keys words: Accident; Parapraxis; Suicide; Psychoanalysis.

Introdução

O suicídio é um tema polêmico, e um dos tratados mais importantes acerca do assunto é do sociólogo Émile Durkheim¹, que o define como sendo “[...] todo o caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo praticado pela vítima, ato que a vítima sabia dever produzir esse resultado”.

A ocorrência de suicídio tem apresentando aumento significativo no mundo inteiro. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, só em 2000, foram registrados aproximadamente um milhão de suicídios no mundo, o que pode ser interpretado como 16 óbitos a cada 100.000 habitantes ou uma morte a cada 40 segundos. Nesse mesmo ano, as tentativas de suicídio aumentaram cerca de 10 a 20 vezes ao redor do mundo, o que caracteriza uma tentativa a cada 3 segundos. Há cinco décadas, o número de suicídios era 60% menor².

No Brasil, em 2004, ocorreram 8.017 suicídios, o que representa 0,8% do total de óbitos do país. Entre as regiões com maior número de óbitos por suicídio, destacam-se as regiões Sudeste e Sul, principalmente os estados de São Paulo (19,1%), Rio de Janeiro (13,1%) e Minas Gerais (11,3%)².

Apesar do aumento das taxas de suicídio no Brasil e no mundo, o assunto ainda é considerado tabu. Abreviar a própria vida é visto como um ato covarde, insano e egoísta.

De acordo com Lima³, não há consenso a respeito dos motivos pelos quais alguém se mata. O ato pode ser considerado como manifestação política e religiosa, de desespero ou de amor, solução para um conflito entre indivíduo e o grupo, forma de chamar a atenção para uma causa idealista ou social, ou ainda, o desfecho de um adoecimento psíquico grave.

Para Souza; Rasia⁴, o indivíduo que tenta matar-se “[...] pode estar querendo comunicar algo sem usar palavras; e o indivíduo que efetivamente se mata pode estar querendo resolver um problema do único modo que considera possível”.

Assim, observa-se que alguns atos suicidas ocorrem de forma programada e voluntária, ou seja, são conscientemente planejados. No entanto, há outros que escapam à compreensão do senso comum. Apresentam-se como atos que parecem ocorrer de forma involuntária, acidental, inconsciente. Atos accidentais, falhos, mas capazes de apagar o sujeito para sempre.

O objetivo desse estudo foi realizar uma revisão da literatura a respeito do suicídio associado ao ato falho, tendo como base a teoria psicanalítica. Partimos da hipótese de que algumas formas de suicídio parecem obedecer à lógica do inconsciente, manifestando-se em forma de um ato falho.

O ato falho

Freud no ensaio de 1901, *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*⁵, introduziu a ideia de que alguns suicídios poderiam ser considerados involuntários, um ato falho capaz de levar o sujeito à morte dando a falsa ideia de um *acidente*.

O ser humano tende a fantasiar que obtém total controle de suas ações, considerando os atos fortuitos como accidentais, frutos do acaso. Para a psicanálise, a emergência desses atos accidentais são manifestações do inconsciente, o retorno de conteúdos recalcados inaceitáveis para a consciência⁶. Há uma resistência em se aceitar a ideia de que algumas situações ocorrem alheias a nossa vontade, ou seja, são resultado de forças inconscientes e intensas, porém, capazes de levar o indivíduo a um acidente grave ou mesmo fatal, tratam-se das manifestações de impulsos de autodestruição presentes em nosso psiquismo e que aparecem disfarçados pela ideia de morte como acontecimento fortuito.

De acordo com o *Vocabulário de psicanálise*⁶, ato falho é aquele em que o resultado visado não é atingido, e ainda se vê substituído por outro. São aqueles, “[...] comportamentos em que o indivíduo é habitualmente capaz de obter êxito, e cujo fracasso é tentado a atribuir apenas à sua falta de atenção ou ao acaso”⁶. Para Freud, o ato falho, na

verdade, é um ato bem-sucedido, pois é por meio dele que o desejo inconsciente se manifesta⁵.

A expressão ‘ato falho’ é tradução da palavra alemã *Fehlleistung* que, para Freud, englobava todo tipo de erros e lapsos inerentes do funcionamento psíquico. “A língua alemã põe em evidência o que há de comum em todas essas falhas pelo prefixo *ver -*, que vamos encontrar em *das Vergessen* (esquecimento), [...] *das Verlesen* (erro de leitura), [...] *das Vergreifen* (equívoco na ação), *das Verlieren* (perda de um objeto)”⁶.

Segundo Laplanche, Pontalis⁶, antes de Freud, essas “[...]ações equivocadas e/ou acidentais[...]”, do cotidiano ainda não haviam sido agrupadas por um conceito. Assim, foi a teoria freudiana que produziu o conhecimento acerca dos lapsos conceituando a noção de ato falho.

A seguir, destacaremos alguns exemplos citados por Freud no ensaio *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*⁵ acerca dos atos considerados falhos em situações aparentemente involuntárias e acidentais, mas que põem seu autor em inegável situação de risco de morte.

Exemplo I

[...] uma jovem senhora quebrou os ossos de uma perna num acidente de carruagem, o que a fez ficar acamada por semanas; o notável foi a ausência de quaisquer expressões de dor e a tranquilidade com que ela suportou seu infortúnio. [...] estava hospedada com o marido, homem muito ciumento, na fazenda de uma irmã casada, em companhia de suas muitas outras irmãs e irmãos com os respectivos maridos e mulheres. Certa noite, ela exibiu nesse círculo íntimo um de seus talentos: dançou cançã com perfeição, sob os aplausos calorosos dos parentes, mas com pouquíssima satisfação do marido, que depois lhe sussurrou: “Você tornou a se portar como uma meretriz!”. O comentário calou fundo [...] Ela passou uma noite inquieta; na manhã seguinte, sentiu vontade de dar um passeio de carruagem. Mas escolheu os cavalos pesonalmente, recusando uma parelha e pedindo outra. A irmã mais moça queria que seu bebê e a ama fossem com ela na carruagem; ela se opôs a isso vigorosamente. Durante o trajeto, deu mostras de nervosismo;

previu o cocheiro de que os cavalos estavam espanadiços e, quando os animais irrequietos realmente criaram uma dificuldade momentânea, ela saltou do veículo, assustada, e quebrou a perna, os outros que permaneceram na carruagem saíram ilesos. Embora, depois de descobrir esses detalhes, já não possamos duvidar de que o acidente, na verdade, foi arranjado, não podemos deixar de admirar a habilidade com que o acaso foi forçado a impor um castigo tão adequado ao crime: por muito tempo ela ficou impossibilitada de dançar cançã. (p. 182)

Esse caso evidencia uma tendência à autopenitência. A crítica imposta pelo seu marido à dança resultou em uma autocensura experimentada pela “jovem senhora” que contribuiu para a formação de um sintoma mascarado pelo acidente ocorrido, aparentemente ao acaso.

Exemplo II

Estava brincando com o revólver do irmão, achou que não estava carregado, pressionou-o com a mão esquerda contra a têmpra (não é canhoto), pôs o dedo no gatilho e um tiro foi disparado. Havia três balas na arma de seis tiros. Perguntei como lhe ocorreu a ideia de pegar o revólver. Responde que tinha sido na época de seu exame médico para o serviço militar; na noite anterior, levava a arma com ele para a hospedaria, pois tinha medo de brigas. No exame médico, foi declarado inepto por causa de suas varizes, o que o fez sentir-se muito envergonhado. Voltou para casa e pôs-se a brincar com o revólver, mas não tinha nenhuma intenção de se ferir – e então ocorreu o acidente. Indagado ainda se, no mais, estava satisfeito com pura sorte, responde com um suspiro e contou a história de seu amor por uma jovem que também o amava, mas que mesmo assim o havia abandonado; por pura cobiça ela emigrara para a América. Ele quis segui-la, mas seus pais o impediram. [...] Apesar de todos esses fatores suspeitos, o paciente continuou insistindo em que o disparo fora um ‘acidente’. (p. 185)

Nesse caso, tanto a negligência ao brincar com a arma quanto o ferimento autoinfligido (o tiro) parecem determinados pelo inconsciente.

Isso porque o rapaz estava sofrendo pela perda de sua namorada e encontrou no exército a possibilidade de esquecê-la. Ao também frustrar-se com a reprevação do exército, resolveu brincar com a arma, numa tentativa (inconsciente) de suicidar-se. "O fato de segurar o revólver na mão esquerda, e não na direita, é uma prova decisiva de que realmente só estava 'brincando' – isto é, não queria conscientemente cometer suicídio"⁵.

Exemplo III

A Sra. X., que vem de um meio burguês, é casada e tem três filhos. [...] Ia ela por uma rua que estava em conserto quando tropeçou num monte de pedras e bateu com o rosto no muro de uma casa. O rosto ficou todo arranhado; as pálpebras ficaram azuis e inchadas e, temendo que algo pudesse acontecer com seus olhos, ela mandou chamar o médico. [...] bem antes do acidente ela vira um bonito quadro numa loja do outro lado da rua; de repente, desejava tê-lo como adorno para o quarto das crianças, e por isso quis comprá-lo imediatamente: partiu em linha reta em direção à loja, sem olhar para o chão, tropeçou no monte de pedras e, ao cair, bateu com o rosto no muro da casa, sem esboçar a menor tentativa de se proteger com as mãos. – 'Mas porque a senhora não prestou mais atenção?' perguntei. – 'Bem', respondeu ela, 'talvez tenha sido um castigo... por causa daquela história que lhe contei em confiança'. – 'Com que então essa história tem continuado a afligi-la tanto assim?' – 'Sim, depois me arrependi muito; achei que fui má, criminosa e imoral, mas naquela época eu estava quase louca com meu nervosismo'. Tratava-se de um aborto que ela fizera com o consentimento do marido, já que, dada a sua situação financeira, o casal não queria ter mais filhos. O aborto fora iniciado por uma curandeira e tivera de ser concluído por um médico especialista. 'Muitas vezes me arrependo pensando: 'mas você mandou matar seu filho!', e me angustiava pensar que uma coisa assim não podia ficar sem castigo. Agora que o senhor me garantiu que não há nada de mal com meus olhos, fico descansada: de qualquer modo, já fui suficientemente punida'". (p. 186)

O acidente aparece como resultado de uma autopunição da Sra. X, por causa de "crime imoral" que cometera (o aborto). Ao se dirigir a loja para comprar um objeto para o quarto dos filhos, o seu inconsciente pressionou para que viesse a tona toda a história: "Mas para que você precisa de um enfeite para o quarto das crianças, você que mandou matar seu filho? Você é uma assassina! O grande castigo com certeza chegará!". Apesar desse pensamento não ter ocorrido de forma consciente, a Sra. X. usou a situação (as pedras na rua) para "se castigar discretamente [...] por isso que nem sequer estendeu as mãos ao cair e também não levou um susto violento"⁵.

Exemplo IV

[...] Sra. Z., pessoa sempre sujeita a estados de espírito muito mutáveis, que acreditava ver novos obstáculos a nosso futuro. Entretanto, no dia 20 de março, sábado, ela estava excepcionalmente bem-humorada, situação essa que me surpreendeu e pela qual me deixei levar, de modo que parecíamos ver tudo cor-de-rosa. Dias antes, havíamos falado em ir à igreja juntos em algum momento, mas sem fixar uma data exata. Na manhã seguinte, domingo, dia 21 de março, às 9 horas e 15 minutos, ela telefonou pedindo que eu fosse buscá-la logo em seguida para irmos à igreja, mas recusei-me a fazê-lo porque não conseguia aprontar-me a tempo e, além disso, tinha um trabalho que queria terminar. A Sra. Z. ficou marcametente desapontada; saiu então sozinha, encontrou um conhecido na escada de sua casa e percorreu com ele a curta distância que vai da Tauentzienstrasse até a Rankestrasse, em esplêndido estado de humor e sem fazer nenhuma referência a nossa conversa. Esse cavalheiro despediu-se dela com um gracejo. [Para chegar à igreja] a Sra. Z. só tinha que atravessar o Kurfürstendamm [a principal avenida de Berlim Ocidental] no trecho em que ela é larga e de onde se tem boa visibilidade; junto à calçada, porém, foi atropelada por uma carruagem de aluguel. (Contusão do fígado que provocou sua morte poucas horas depois.) – Havíamos passado por aquele lugar centenas de vezes; a Sra. Z. era extremamente cautelosa e muitas vezes impediu minhas próprias imprudências; nessa

manhã quase não havia trânsito, pois os bondes, ônibus etc. estavam em greve; justamente naquela hora, havia um silêncio quase absoluto; mesmo que ela não tivesse visto a carruagem de praça, sem dúvida teria de ouvi-la! Todo o mundo achou que isso foi uma "casualidade". Meu primeiro pensamento foi: 'Isso é impossível – mas, por outro lado, decerto não se pode dizer que tenha 'sido intencional' [...]. A Sra. Z. mostrou, em várias oportunidades, uma inclinação ao suicídio e até tentou induzir-me a pensar da mesma maneira – foram muitas as vezes em que a dissuadi desses pensamentos; por exemplo, apenas dois dias antes, depois de voltar de um passeio e sem nenhuma razão externa, ela começou a falar de sua morte e de suas disposições testamentárias; a propósito, ela não fez nada a respeito destas – sinal de que esses comentários certamente não tinham nenhuma intenção por trás deles.'. (p. 188)

Freud⁵ comenta que um observador externo de um acidente não encontra nenhum motivo para tal situação além da eventualidade. Porém, para o espectador próximo ao acidentado fica mais evidente a relação entre o acidente e os detalhes íntimos de intenção inconsciente que estão por trás da casualidade.

O caso da Sra. Z. fora relatado a Freud pelo seu noivo. Este arriscara uma opinião de que não via o acidente da noiva como um acidente, mas sim, "[...] como uma autodestruição intencional, executada com um propósito inconsciente e mascarada como um acidente casual" (p. 189). Isso porque, o noivo tinha conhecimento íntimo a respeito da Sra. Z.. Contara a Freud que a Sra. Z. era moça rica, e já havia tido um noivo que morrera na guerra, em combate em 1916. Começaram a namorar, mas sem expectativa de casamento, pois ele era mais novo que a Sra. Z. (na época, ele tinha 27 anos e ela 34 anos). Assim, o relato do noivo da Sra. Z. vem confirmar a proposta de Freud citada anteriormente. Ou seja, é por conhecer detalhes da história de vida da Sra. Z. que o noivo correlaciona o seu acidente que a levou a morte, com uma tentativa de suicídio ocasionada por uma impulsão inconsciente, que vem como efeito da

não superação da perda do noivo anterior, pois, segundo relatos da própria Sra. Z. da família e do atual noivo, a ausência do noivo morto na guerra, jamais seria capaz de ser substituída.

De acordo com uma análise do caso realizado pela psicanalista Alberti⁷, o comentário (gracejo) do amigo que a acompanhou e a deixou muito perto da igreja fora: 'Daqui a rua é totalmente *übersehbar* e você não terá dificuldade para atravessá-la'. "O verbo alemão *übersehbar* pode tanto significar "[...]\lançar um olhar global, ter uma visão do todo", quanto "[...]\olhar por cima de forma a não ver o que está por baixo, não ver o que realmente está acontecendo, não olhar sem querer/querendo". A Sra. Z. parece ter seguido essa segunda significação, independentemente de sua vontade, que veio a lhe custar a vida⁷.

Considerações psicanalíticas acerca de suicídios accidentais

Os exemplos apresentados por Freud nos fazem crer que alguns acidentes do cotidiano podem ser considerados tentativas inconscientes de autopunição, autocensura, infligidas contra o próprio sujeito e ocasionadas por impulsos de ordem inconsciente. Essa impulsão do inconsciente, descarregada fora do contexto, gerando ato falho na ação, pode resultar na morte do indivíduo. Diante disso, é possível o acidente ser interpretado como um suicídio *involuntário*, ao menos no aspecto consciente.

Freud argumenta que muitas atitudes do nosso cotidiano passam despercebidas aos nossos olhos quando, na verdade, são manifestações do nosso inconsciente e não meramente obra do acaso. Elbern⁸, em conformidade com Freud, relata alguns exemplos de situações ocasionais e fortuitas do cotidiano, mas que, na verdade, são atos falhos na ação, tais como: *autoferimentos*, onde o sujeito esconde "[...]\um impulso para autopunição, autocensura, parecem acidentais, mas envolvem um desejo de autodestruição

parcial de si”, como por exemplo, fechar a porta na mão, morder a língua, escorregar na escada, queimar-se ‘accidentalmente’; morte, causada, por exemplo, por atropelamento (ao atravessar a rua, olha e não vê o carro) e por colisão de veículos (por ‘falta de atenção’, bate o carro e machuca-se, chegando a morrer).

Sabemos que para o senso comum, esses eventos accidentais passam despercebidos e são considerados apenas situações casuais ou imprevistas, ou seja, acasos ou equívocos sem a menor intenção. Mas, na verdade, “o desejo de destruição está presente nas pessoas”, somente se manifestando de formas e intensidades diferentes, e o ato falho pode funcionar como um mecanismo para que essa autodestruição transforme-se em suicídio. “O desejo reprimido, suprimido e que aparece no ato falho”, pode levar a pessoa à morte. “Em outros casos a pessoa nega qualquer relação com uma intenção (desejo) sua, e de forma consciente, ele realmente é desconhecido”⁸.

O ato falho é uma das formas de se trazer à consciência o material recalado. Podemos pensar então, que o ato suicida tem vinculação estreita com a pulsão de morte. Ou seja, “[...] um desejo, uma ideia ou um ato de dar para si a morte, mergulhando em suas raízes, na afetividade e na mais profunda esfera da vida instintiva e pulsional”⁷.

A pulsão de morte é conceituada por Freud⁹ como sendo “[...] um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas”, podemos entender que o objetivo final da pulsão de morte é reduzir a zero as tensões, alcançando o estado inicial de que o ser vivo se afastou: “[...]se tomarmos como verdade [...] o fato de tudo o que vive morre por razões internas, tornar-se mais uma vez inorgânico, seremos então compelidos a dizer que ‘o objetivo de toda vida é a morte’, e, voltando o olhar para trás, que ‘as coisas inanimadas existiram antes das vivas’”. Portanto, as moções inconscientes existentes nos atos falhos, só podem ser compreendidas em suas relações com a pulsão de morte. No entanto, ao descrever os atos falhos em 1901, Freud ainda não havia desenvolvido a segunda

tópica e nem o dualismo pulsional que contrapunha a pulsão de morte à pulsão de vida. A noção de pulsão de morte é introduzida por Freud no ensaio, *Além do princípio do prazer*, em 1920, portanto 19 anos após *Psicopatologia da vida cotidiana*. Uma revisão sobre a relação entre pulsão de morte e suicídio, embora muito pertinente, extrapolaria o espaço e escopo desse artigo, não sendo, portanto, um assunto aqui aprofundado.

Algumas formas de suicídio aparecem como resultado de um ato involuntário, pois o pensamento de morte que dele emana é como nos atos falhos, ou seja, inconsciente. De acordo com Ey apud Alberti⁷, “A impulsão autodestrutiva se desencadeia brutal e cegamente em uma vertigem que jorra subitamente como uma irresistível necessidade de morrer, uma fome súbita de aniquilamento”.

De acordo com Preu; Campos; Martini¹⁰, para que uma ação seja considerada intencional é preciso que tal ato seja realizado com o intuito de produzir qualquer transformação no mundo, e que esta se efetive pela “intenção do agente”. Já no ato falho, os autores defendem que a ação é causada por um conflito que acaba se “[...]realizando intempestivamente por vias tortas, mas sem deixar de revelar uma verdade inesperada”. Ou seja, a tensão inconsciente é descarregada fora do contexto, mas, apesar do ato ser “[...]descabido em relação à intenção original, há a revelação de uma verdade”.

Nos três primeiros exemplos citados nesse artigo, o ato falho, enquanto tentativa de suicídio, pode ser compreendido como malsucedido, pois embora os elementos de autodestruição e autoinfligimentos estivessem presentes, a morte, o aniquilamento total, de fato não ocorreu. Já no quarto exemplo, o que fora considerado fruto do acaso (atropelamento da Sra. Z. na porta da igreja), resultou na morte da jovem. Portanto, foi um ato bem-sucedido, no sentido de que, de fato, atingiu o objetivo de calar o sujeito para sempre, não cabendo mais a designação de ser um ato que falhou. De acordo com Alberti⁷, “[...]referindo-se ao suicídio, Jacques Lacan afirma: ‘o suicídio é o único ato

que pode ter êxito sem falha'. Poderíamos compreender essa afirmação da seguinte forma: 'Isso não falha, isso de fato mata'".

Assim, o suicídio, como produto de um ato falho, nos remete a compreensão de que pôr fim a própria vida pode ser a manifestação de um impulso inconsciente que vai para além das intenções do sujeito. É uma manifestação autodestrutiva que pode estar buscando a cessação de todo desejo e, portanto, uma libertação de todas as tensões.

O sujeito pensa ter total consciência de si e conhecimento acerca de seus atos. Mas, "a vontade é desqualificada pelo inconsciente; no ato falho, por exemplo, o inconsciente mostra o quanto o sujeito desconhece sobre si mesmo"⁷.

Conclusão

Com base nos exemplos extraídos do texto *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*⁵ e da corroboração de alguns autores, observa-se que a autodestruição não pode ser considerada um fenômeno raro. Frequentemente é um fenômeno observado nas situações de ferimentos autoinfligidos causados por impulsos inconscientes de censura, crime e culpa. Há em todo ser vivo uma tendência para a morte, a pulsão de morte que opera silenciosamente e que se opõe às pulsões de vida⁹. O ato falho pode ser uma via de manifestação dessas moções inconscientes e letais.

Alguns atos ditos acidentais podem ser atribuídos à atos falhos, manifestações de desejos inconscientes de aniquilamento, morte. Ainda de acordo com Freud⁵ "[...] quem acreditar na ocorrência de ferimentos semi-intencionais

auto-infligidos [...] também estará disposto a suspor que, além do suicídio intencional consciente, existe uma autodestruição semi-intencional (com uma intenção inconsciente), capaz de explorar habilmente uma ameaça à vida e mascará-la com um acidente casual".

Referências

1. Durkheim E. O suicídio (1897). Coleção a obra-prima de cada autor Série Ouro. São Paulo: Martin Claret;2005.
2. Ministério da Saúde - Secretaria de Vigilância em Saúde. Mortalidade por suicídio. In: Uma análise da desigualdade em saúde. Saúde Brasil;2006.
3. Lima R. O suicídio-espetáculo na sociedade do espetáculo. Rev Esp Acad. 2005;4:1-8.
4. Souza NR, Rasia JM. Modelo de reação familiar ao suicídio. Fam Saúde Desenv. 2006;8:117-127.
5. Freud S. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (1901). Edição Standard Brasileira (ESB) das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago;1996;6.
6. Laplanche J, Pontalis J. Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes;1983.
7. Alberti S. O suicídio – Henri Ey com Lacan. In: Quinet A. (Org.). Psicanálise e psiquiatria: controvérsias e convergências. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos; 2001;197-201.
8. Elbern ML. Foi um acidente? [acesso em 14 jul.2008] Disponível em: <http://www.persona-site.com.br>.
9. Freud S. Além do princípio do prazer (1920). Edição Standard Brasileira (ESB) das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1996;18.
10. Preu RO, Campos EBV, Martini A. A psicanálise como formação do inconsciente: A dinâmica dos atos na obra de Freud. ETD. 2006 dez; 8(esp):185-201.